

# O “NATURALISMO” NIETZSCHIANO EM ALÉM DO BEM E DO MAL<sup>1</sup>

*The Nietzschean "Naturalism" in Beyond Good and Evil*

Sergio Fernando M. Corrêa<sup>2</sup>

**Resumo:** Em *Além do Bem e do Mal* Nietzsche trabalha a proposição da tipologia da moral. O filósofo dirige também uma crítica à moral utilitarista e à moral da compaixão. Elaborar a proposta de construir um tipo de homem afirmativo, do futuro. Os temas estão presentes, mesmo que como uma breve menção, no capítulo quinto da obra cujo título é: *Contribuições para uma História Natural da Moral*. O objetivo deste trabalho é averiguar que tipo de naturalismo aparece na referida obra a partir dos apontamentos do autor presentes no texto da maturidade. Do mesmo modo ele quer analisar que tipo de Naturalismo pode ser sustentado, de fato, nas obras tardias do filósofo. Orientar-nos-emos pela seguinte construção: i) discussão de algumas possibilidades do naturalismo em Nietzsche; ii) problematização da posição de alguns comentadores anglo-americanos; iii) apresentar uma possível interpretação do naturalismo de Nietzsche a partir de passagens de *Além de bem e Mal*.

**Palavras-chave:** Naturalismo; Ciências Naturais; Moral; Psicologia;

**Abstract:** In *Beyond Good and Evil* Nietzsche works proposing the typology of morals. The philosopher also guide a critique of utilitarian morality and morality of compassion. To prepare a proposal to build a type of so man of the future. The themes are present, even as a brief mention, in the fifth chapter of the book, whose title is: *Contributions for a Natural History of Morals*. The objective of this work is search for what kind of naturalism show up in that book from notes the author in the text of maturity. Similarly he wants to analyze what kind of Naturalism can be sustained, indeed, the late works of the philosopher. We are guided by following build: i) discussion of some possibilities of naturalism in Nietzsche; ii) problematize of the position of some Anglo-American commentators; iii) present a possible interpretation of Nietzsche's naturalism as from passages of *Beyond Good and Evil*.

**Keywords:** Naturalism; Natural Science; Morality; Psychology.

## A Questão do Naturalismo Nietzscheano

Há muitos autores que olham para produção intelectual de Nietzsche e apontam para uma divisão didática em três etapas<sup>3</sup>. Nesta linha afirma-se que com o encerramento do primeiro ciclo, vinculado ao esteticismo de *O Nascimento da Tragédia*, aparece o que os comentadores de Nietzsche chamam de período intermediário. Este estágio interposto do pensamento do filósofo é pontuado pela sua luta contra a moral socrático-platônica-cristã, uma moral tipicamente metafísica. A obra que marca o começo do Nietzsche intermediário é *Humano, Demasiado Humano* de 1878.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas durante o período de mestrado na UFPel entre 2012-2014.

<sup>2</sup> É licenciado em filosofia pela Faculdade de Filosofia São Boaventura, Curitiba - PR, especialista em educação pela Universidade do Contestado, Curitiba - SC e mestre em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas - RS. Professor de ensino básico técnico e tecnológico do IF-Sul *campus* Sapiranga. E-mail: [fer.ser29@gmail.com](mailto:fer.ser29@gmail.com)

<sup>3</sup> Como é o caso de Scarlett Marton que escreve: “Para fins didáticos, costuma-se utilizar a divisão de seu pensamento em três períodos: o do “pessimismo romântico” ou “metafísica de artista” (1869-76), do “positivismo cético” (1876/81) e o da “reconstrução da obra” (1881/88). Cf. MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 17-27.

A mudança de pensamento é apontada por Nietzsche em *Ecce Homo* ao comentar *Humano, Demasiado Humano*: “com ela libertei-me de tudo que era estranho à minha natureza”<sup>4</sup>. Nesta obra o problema da verdade é posto no centro da reflexão e com este fato a moralidade entra na pauta dos escritos de Nietzsche. Essa obra ficou pronta, como é conhecida hoje, somente em 1886, com o Ajuntamento de *O Andarilho e sua Sombra* de 1879 e a *Miscelânea de Opiniões*, de 1880, mas sua primeira publicação remonta ao ano de 1878.

No primeiro parágrafo desta obra inaugural do período intermediário Nietzsche faz uma colocação que no mínimo propõe uma relação íntima entre a sua filosofia e as ciências naturais. O título do fragmento por si só é emblemático e sugere uma postura científica: ‘*Química dos conceitos*’. No fragmento podemos separar duas posições de Nietzsche: a que pretende uma crítica contundente à metafísica. Para ele a metafísica é um método equivocado, pois supõe que as coisas se originam dos seus opostos, como nos exemplos que ele sugere: o lógico do ilógico, o sensível do morto, o racional do irracional<sup>5</sup>.

Outra posição de Nietzsche no referido parágrafo é a exaltação das ciências naturais, que, se usadas como ferramenta pela filosofia histórica (leia-se aqui genealogia) dariam constância ao projeto de suplantação da metafísica. Segundo o autor de *Além do bem e do mal* a aplicação do método das ciências naturais ao procedimento filosófico revelariam a *química* dos sentimentos morais, religiosos e estéticos. Diz o filósofo:

Já a filosofia histórica, que não se pode mais conceber como distinta da ciência natural, o mais novo dos métodos filosóficos, constatou, em certos casos, (e provavelmente chegará ao mesmo resultado em todos eles) que não há opostos, salvo no exagero habitual da concepção popular ou metafísica<sup>6</sup>.

Não há dúvidas de que Nietzsche sela a parceria entre a filosofia e as ciências naturais no referido parágrafo desta obra intermediária e em todo seu percurso. Surge desta relação um filosofar histórico inseparável das ciências naturais que aponta para a supressão das pretensões fundacionistas da metafísica e que estão presentes nas religiões, nos valores morais e nas concepções estéticas da existência. Todavia, esta parceria entre filosofar histórico e ciências naturais não é algo inédito nos textos do filósofo. No Apêndice da *Genealogia de Moral* há um escrito de Nietzsche, cujo título é *Fado e História* que remonta o ano de 1862, quando o filósofo estava entre os 17 e 18 anos no qual se lê o seguinte:

Uma tentativa como esta não é obra de algumas semanas, mas de toda uma vida. Seus fundamentos devem ser apenas a história e as ciências naturais, para não se perder em ‘especulações estereis’. Quantas vezes toda a nossa filosofia não me pareceu uma torre babilônica: alçar-se até o céu é o

<sup>4</sup> NIETZSCHE, 1995, p. 85.

<sup>5</sup> Cf.: NIETZSCHE, 2000, p. 15.

<sup>6</sup> NIETZSCHE, 2000, p. 15.

objetivo de todos os grandes esforços, o reino do céu sobre a Terra significa quase o mesmo<sup>7</sup>.

O objetivo deste artigo não é analisar a obra *Humano Demasiado Humano*. Ela só foi citada com fins introdutórios ao problema do naturalismo de Nietzsche. Contudo, ficou claro que Nietzsche pretende uma interpretação natural dos comportamentos humanos e culturais em alternativa aos modelos metafísicos existentes ao longo da história. Segue-se adiante a análise de três posições interpretativas do naturalismo de Nietzsche defendidas por Brian Leiter no artigo *O Naturalismo de Nietzsche Reconsiderado*, por Richard Schacht no artigo *O naturalismo de Nietzsche* e, por fim, no artigo *A psicologia moral minimalista de Nietzsche* de Bernard Williams.

### O Naturalismo em Nietzsche por Leiter, Schacht e Williams

Brian Leiter escreveu um texto publicado no ano de 2002 sob o título *Nietzsche on Morality* onde Nietzsche é posto de maneira incisiva entre os naturalistas. Neste livro o autor começa fazendo um questionamento: se Nietzsche é um naturalista ou um pós-moderno. Nesta linha se propõe a explicar o que é o naturalismo numa visão geral. Do mesmo modo, tenta especificar qual é o tipo de naturalismo de Nietzsche e por quais motivos Nietzsche seria um naturalista. Partindo destas premissas faz comentários sobre a filosofia pré-socrática, escreve sobre o naturalismo na Alemanha, para, enfim abordar diretamente a crítica de Nietzsche aos valores morais sob a perspectiva do naturalismo. Conclui analisando as três dissertações de *Para a Genealogia da Moral*.

A publicação de Leiter foi bastante criticada e discutida pelos círculos acadêmicos. Por este e outros motivos ele pretende uma revisão daquela publicação com o artigo *O Naturalismo de Nietzsche Reconsiderado*. É a partir deste texto recente que se pretende examinar que tipo de naturalismo Brian Leiter confere a Nietzsche. Nesta linha o comentador destaca dois modelos de naturalismo. Um que ele chama de lista de lavanderia que seria a crítica de Nietzsche à metafísica tradicional ligada a Platão, ao Cristianismo e a Arthur Schopenhauer. O outro naturalismo presente em Nietzsche é o Naturalismo Metodológico, que ele nomeia no seu artigo de “Naturalismo-M”. Este naturalismo caracteriza-se pela união da filosofia com as ciências experimentais<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Cf.: *Genealogia da Moral*, Apêndice: *Fado e História*, (NIETZSCHE, 1998, p. 164).

<sup>8</sup> Esta tese é defendida pelo autor na obra de 2002: “*Naturalism in philosophy is, typically, in the first instance, a methodological view about how one should do philosophy: philosophical inquiry, on this view, should be continuous with empirical inquiry in the sciences*” (Cf.: LEITER, 2002, p. 03). E reafirmada no escrito mais recente, onde ele escreve que as investigações de Nietzsche sobre a natureza humana são moldadas pelas ciências naturais, apesar de Nietzsche mais especular do que concluir suas teses Cf.: (LEITER, 2011, p.79-90).

O autor sustenta que foi David Hume (1711-1776)<sup>9</sup> o primeiro filósofo a fazer uma filosofia especulativa, isto é, ligada aos axiomas das ciências naturais ao tentar explicar como os seres humanos agem, pensam e convivem no mundo. Segundo Leiter, Hume recolheu da física newtoniana os postulados para construir sua filosofia especulativa que é assim caracterizada:

Naturalistas-M Especulativos obviamente não apelam para mecanismos causais reais que tenham sido bem confirmados pelas ciências: se assim fosse, eles não precisariam *especular!* A ideia é, pelo contrário, que suas teorias especulativas acerca da natureza humana sejam moldadas pelas ciências e pela perspectiva científica, no tocante ao modo como as coisas funcionam<sup>10</sup>.

Para Brian Leiter o naturalismo de Nietzsche não é igual ao de Hume por não ser incisivo ao apelar para determinismos, mas tem muitas semelhanças ao procurar explicar como seres humanos pensam, agem e sentem no campo da moral. De acordo com Leiter, Nietzsche, assim como Hume, faz sua investigação do ser humano por meio do que ele chama de psicologia especulativa. Ao especular Nietzsche levantaria não provas empíricas e objetivas, mas de sua autoria. Provas estas que, vinculadas a sua notável habilidade literária, dariam sentido e uniriam dados antagônicos, como fica claro na passagem:

Para que fique claro, o que Nietzsche realmente faz é apelar para mecanismos psicológicos – tais como o ódio inflamado característico do *ressentimento* – para os quais parece haver ampla evidência tanto na experiência comum quanto na histórica, e daí tecer uma narrativa mostrando como estes mecanismos simples poderiam ocasionar atitudes e crenças humanas específicas<sup>11</sup>.

Na sequência apresenta dois “tipos” de Nietzsche, um “humiano” e outro terapêutico<sup>12</sup>. O primeiro é especulativo metodológico e que tem em mira explicar a moral por meio do naturalismo. O segundo quer livrar seus leitores do peso da moral. Esses dois tipos de Nietzsche sugerem o seguinte, segundo as teses de Leiter: o objetivo é desvencilhar seus leitores dos tentáculos da moral – o Nietzsche terapêutico. Assim Nietzsche usa de vários recursos (retórica, provocação, ataques, naturalismos de lista de lavanderia...) para defender seus leitores dos perigos da moral dominante. Já o método por excelência para se atingir este objetivo é o naturalismo especulativo de Hume – o Nietzsche humiano. Neste sentido buscará pela ‘origem’ da moral, dissertará sobre fatores psicológicos da motivação moral e sobre a ação efetiva das pessoas.

---

<sup>9</sup> Filósofo, historiador e ensaísta escocês que ficou conhecido por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico.

<sup>10</sup> LEITER, 2011, p. 80.

<sup>11</sup> LEITER, 2011, p. 89.

<sup>12</sup> Escreve Leiter sobre a junção do Nietzsche terapêutico com o humiano: “Mas isso não muda o fato de que o projeto terapêutico é conjuntamente buscado e moldado pela estrutura básica formulada pelo Nietzsche humiano acerca dos agentes e da moralidade, o que também está presente no corpus. Essa última característica é reconhecidamente uma concepção naturalista que, de fato, explica por que a discursividade racional – em contraste com os recursos estilísticos que Janaway enfatiza – é uma técnica terapêutica ineficaz” (LEITER, 2011, p. 96).

Na sequência, Brian Leiter discorre sobre a importância que Nietzsche dá a cultura nos seus escritos. Para ele, o filósofo alemão leva em consideração fatores culturais nas suas especulações científicas da moralidade, mas não dá tanta ênfase como dá à questões psicofísicas no seu projeto de explicação humana da moral. Na mesma linha de raciocínio, aborda o problema da causalidade na tentativa de construir explicações causais para a ação moral. Segundo Leiter, Nietzsche quer retirar toda possibilidade de falsas causalidades criadas pela metafísica e pela religião para usar uma genuína explicação causal do fenômeno moral – aquela atrelada ao método das ciências naturais. É que está dito: “Nietzsche, de fato, acredita em nexos causais, mas simplesmente nega que algumas supostas causas – por exemplo, “sujeitos” ou uma vontade consciente – sejam, de fato, causais”<sup>13</sup>.

Para finalizar Leiter aborda o que ele chama de metafísica maluca da vontade de potência e a sua incompatibilidade com o Nietzsche humano. Neste ponto Leiter faz uma leitura do § 12 da segunda dissertação da *Genealogia da Moral*. Ele afirma que a vontade de potência proposta por Nietzsche neste texto, como fator operante em todo acontecer, é apenas um recurso retórico usado por Nietzsche para enfatizar seu método genealógico e não é de fato um fundamento metafísico. Escreve:

A aparente metafísica da vontade de potência de Nietzsche surge apenas para reiterar um ponto acerca do correto método histórico, um que se mantém quase independente da verdade da metafísica: em outras palavras, ela se parece justamente com uma tentativa de utilizar as reivindicações metafísicas para fins retóricos, isto é, como estratégia que busca persuadir seus leitores da correção de sua abordagem genealógica a partir da sua associação com um sistema de valores diferente, mais “nobre”<sup>14</sup>.

E ainda mais, segundo Leiter, para a reconstrução de um Nietzsche humano, isto é, comprometido com um rigoroso método naturalista é preciso de fato eliminar o que ele chama de metafísica maluca da vontade de potência. Neste ponto, Leiter é incisivo. Diz ele que é um favor que se faz a Nietzsche coloca-lo na perspectiva do Naturalismo-M *especulativo*, isto é, que usa de métodos nada sistemáticos atrelados a um projeto terapêutico e que fazem emergir uma crítica contundente à moralidade. Todavia, só é possível esse tipo de leitura se ela estiver livre de ideias bobas ligadas a metafísica maluca da vontade de potência. Adverte ainda para os problemas da multidisciplinaridade usada pelo filósofo alemão ao ser autodidata em tantos conhecimentos e ser um simples mortal. Não obstante, Escreve:

De todo modo, podemos fazer um favor a Nietzsche, o filósofo, se reconstruirmos seu projeto humano em termos que sejam em maior parte reconhecidamente seus, e ainda, ao mesmo tempo, bem mais plausíveis, isso na medida em que a metafísica maluca da vontade de potência (segundo a qual toda matéria orgânica “é vontade de potência”) é eliminada<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> LEITER, 2011, p. 112

<sup>14</sup> (LEITER, 2011, p. 116).

<sup>15</sup> (LEITER, 2011, p. 117).

Richard Schacht, no artigo *O Naturalismo de Nietzsche* inicia afirmando que de tempos e em tempos Nietzsche é usado de maneira incompatível por correntes políticas, científicas, filosóficas, etc. Segundo ele, são exemplos desse uso indevido o nazismo, o existencialismo, o pós-estruturalismo. Nos tempos atuais o pensamento de Nietzsche enfrenta este tipo de problema com alguns filósofos analíticos e, segundo ele, precisa novamente ser resgatado dessa interpretação demasiado cientificista ajuizada pelos filósofos anglo-americanos.

Na primeira parte do seu artigo o autor afirma que o naturalismo presente em Nietzsche é mais filosófico e não tanto um mecanicista humiano como propôs Leiter no seu artigo. Deste modo, o filósofo alemão seria um pensador multidisciplinar que considera a história, a cultura, a linguística, a psicológica e, é claro, as ciências naturais. Na sua interpretação, Nietzsche seria um instruído, como na palavra inglesa *scientian* que ele usa para caracterizar esse modo do pensamento de Nietzsche<sup>16</sup>. Deste modo, Schacht defenderá que Nietzsche não é de modo algum um determinista aos modos da física newtoniana, mas é naturalista na medida em que leva em conta também as contribuições das ciências naturais. Escreve:

O naturalismo de Nietzsche é um tipo de naturalismo que respeita as *Wissenschaften* e se vale delas — incluindo sem sombra de dúvida as ciências da natureza —, mas que não se identifica com elas, não deposita nelas todas as suas esperanças, e nem tampouco extrai delas todas as suas inspirações<sup>17</sup>.

Decorre que para Richard Schacht Nietzsche não é exclusivamente um naturalista substantivo e um naturalista-M especulativo como propôs Leiter no seu livro *Nietzsche on Morality* e no artigo comentado acima. Diante disso, Schacht se coloca agora a desconstruir os argumentos de Leiter. Segundo o autor, o exemplo de Leiter é típico para demonstrar a equivocada interpretação determinista que coloca o filósofo alemão entre aqueles que adotam uma postura metodológica e cientificista para explicar como a vida humana acontece e de como as demais coisas funcionam. Escreve ele: “Em minha leitura, Nietzsche não endossa nenhuma das “duas doutrinas naturalistas” de Leiter — a que concerne ao “que existe” e aquela relativa a “como as coisas funcionam” e devem ser explicadas”<sup>18</sup>.

Por este e outros motivos, a posição do autor vai contra a interpretação aceita por Leiter e a favor daquela interpretação que Leiter criticou e chamou de naturalismo de lista de lavanderia. Ora, qual seria este naturalismo de lista de lavanderia criticado por Leiter e corroborado por Schacht? É exatamente aquele que quer traduzir o homem de volta a natureza, que se insere na tradição pós-metafísica, que considera também as

<sup>16</sup> (Cf.: SCHACHT, 2011, p. 38).

<sup>17</sup> SCHACHT, 2011, p. 39

<sup>18</sup> SCHACHT, 2011, p. 42

ciências naturais como uma parte da explicação *processual*<sup>19</sup> de como as coisas acontecem não é uma explicação rigorosamente causal.

Sucedo que para o comentador, quem quiser colher doutrinas filosófico-científicas no pensamento de Nietzsche vai se frustrar nesta procura. Ele defende que o pensamento do filósofo alemão oferece diretrizes naturalistas, livres da metafísica e que considera somente aquilo que acontece ‘neste’ mundo. Por possuir uma matriz multidisciplinar, a filosofia de Nietzsche leva em conta a genealogia, a psicologia, a literatura, as ciências naturais. Portanto, é um erro querer encontrar uma continuidade de método como sugeriu Leiter. Schacht chega afirmar que Nietzsche zomba deste tipo de rigor científico. Por isso escreve:

O naturalismo de Nietzsche, tal como ele se apresenta em seus diversos escritos, não está de forma alguma comprometido com a convicção de que tudo o que acontece na vida humana, assim como no desenvolvimento e desdobramento da realidade e da experiência humanas, pode ser adequadamente explicado e totalmente compreendido em termos de conceitos e processos científico-naturais ou científica e naturalmente modelados – sendo a “causalidade” o primeiro e principal elemento da experiência humana a escapar à explicação científica<sup>20</sup>.

Na mesma linha de raciocínio o comentador destaca a multiplicidade perspectivas que tipifica o naturalismo de Nietzsche. Deste modo a realidade humana é interpretada pelo viés da biologia, da psicologia, da fisiologia, mas também considera os processos sociais e culturais. Por estes motivos a interpretação naturalista do filósofo alemão não é rígida, fixa e limitada única e exclusivamente à metodologia das ciências naturais. Sucedo que o ser humano e a sociedade precisam ser analisados pelas influências desta multiplicidade de perspectivas, tais como os processos culturais, o desenvolvimento histórico das organizações sociais, morais e, também, as determinações naturais<sup>21</sup>.

Esse modo de operar da filosofia de Nietzsche caracteriza o que Schacht chama de “filosofar histórico”. Ao proceder deste modo o filósofo alemão está ciente de que todas as coisas vieram a ser, portanto, são históricas. A partir dessas teses é que Schacht vai fundamentar suas críticas ao tipo de naturalismo atribuído a Nietzsche por Brian Leiter. O erro de Leiter foi ter exagerado na interpretação naturalista-cientificista e ter deixado de lado outras possibilidades interpretativas em Nietzsche. Leiter fez isso criticando de forma negativa essas outras possibilidades, chamando-as de lista de lavanderia. Escreve Schacht:

<sup>19</sup> Schacht afirma que a explicação processual é central no naturalismo de Nietzsche e que é necessário abandonar qualquer possibilidade de se atribuir a Nietzsche explicações rigorosas que levam em conta somente a noção de causa e efeito, portanto, causal (Cf.: SCHACHT, 2011, p. 45).

<sup>20</sup> SCHACHT, 2011, p. 50.

<sup>21</sup> O autor do texto *O naturalismo de Nietzsche* escreve sobre a multiplicidade de perspectivas que aparecem na ‘metodologia’ nietzschiana: “O procedimento típico de Nietzsche (e a “metodologia” de seu naturalismo tal como ele é) envolve, portanto, o aporte e o emprego de uma multiplicidade de diferentes perspectivas, “ópticas” e mentalidades, como assinalamos acima, postas a serviço da iniciativa de expandir e aprofundar nossa compreensão de nós mesmos e das possibilidades humanas que chegaram a se realizar e a se expressar em coisas tão distintas como traços e tipos psicológicos, culturas e subculturas,

Em suma: embora Leiter tenha bastante razão ao afirmar que o “projeto naturalista” de Nietzsche ocupa boa parte de sua atividade filosófica, tal “projeto” envolve muito mais do que “explicar a moral [no singular!] em termos naturalistas respeitáveis”, o que Leiter defende ser sua meta principal – ainda que ele de fato envolva a tentativa de dar sentido à moralidade (ocidental moderna) – mas como uma dentre outras formas de moralidade e como um dentre muitos outros fenômenos humanos – em termos naturalistas<sup>22</sup>.

Como alternativa ao naturalismo proposto por Leiter, Richard Schacht propõe um tipo *lato* de naturalismo vinculado as diferentes formas de viver do ser humano, que considere o que ele chama de ‘sensibilidades’. Este naturalismo das sensibilidades internaliza questões vinculadas a literatura, as artes, os costumes, às tradições e não aquele e *stricto sensu* e atrelado às ciências naturais. Ao concluir sua argumentação escreve: “Sustento que, para Nietzsche, nenhum naturalismo é digno de ser levado a sério se ignora ou é inepto ao tratar a dimensão e o caráter da realidade humana que discuti em termos de “sensibilidades” e daquilo que elas possibilitam”<sup>23</sup>. Ao finalizar seu artigo escreve: “O naturalismo de Nietzsche deve ser aliado das ciências e não preso ou subserviente a elas – “*scientian*” [instruído], mas não cientificista”<sup>24</sup>.

Bernard Williams começa seu artigo, *A psicologia moral minimalista em Nietzsche* afirmando que o filósofo alemão não é uma matriz de onde se tiram teorias filosóficas. Seguindo esta tese o autor defende, junto com Michel Foucault, que o uso sério da filosofia de Nietzsche não pode querer extrair do seu pensamento um método rigoroso. Contudo, as questões tratadas pelo filósofo ainda são atuais e deixa-lo de lado em especial nos problemas que envolvem a moral seria um erro.

Nesta perspectiva o autor afirma que há um consenso entre os filósofos: a necessidade de construir uma psicologia moral naturalista. Ou seja, é preciso ver o ser humano como parte da natureza. Contudo, há posturas que excluem coisas de mais ao identificar condições naturais deterministas no ser humano e deixar de lado a cultura, a historicidade da socialização humana. Por outro lado, exclui coisas de menos se leva em conta certas coisas históricas como se fossem naturais em termos de moral. A tarefa de construir uma psicologia moral minimalista passa por essas duas dificuldades – a que exclui coisas de mais ligada a Brian Leiter e a que exclui coisas de menos relacionada a Richard Schacht<sup>25</sup>.

---

sociedades e instituições, arte e literatura, morais e valores, assim como formas de pensar e conhecer” (SCHACHT, 2011, p. 61).

<sup>22</sup> SCHACHT, 2011, p. 63-64.

<sup>23</sup> SCHACHT, 2011, p. 72.

<sup>24</sup> SCHCHAT, 2011, p.73.

<sup>25</sup> Williams aponta para a dificuldade que os diferentes naturalismos enfrentam. O de Leiter tende a excluir coisas demais ao considerar somente as ciências naturais. O de Schacht inclui coisas de mais ao levar em conta toda multidisciplinariedade da filosofia de Nietzsche. Escreve ele: “Se o caso é descrever a atividade moral em termos que podem ser aplicados a outros domínios, mas não a todos os domínios, não temos muita ideia de quais termos devem ser esses, ou quão “especial” admite-se que seja a atividade moral, em consonância com o naturalismo. Se estamos autorizados a descrever a atividade moral em quaisquer termos que pareçam suscitados por ela, então o naturalismo não exclui coisa alguma, e voltamos ao começo” (WILLIAMS, 2011, p. 19).



Segundo o autor a missão de engendrar uma psicologia moral minimalista com orientação naturalista em Nietzsche necessita tomar a vontade como parte essencial do projeto. Contudo, a vontade aqui não pode ser considerada como causa eficiente para a ação como queriam, por exemplo, Kant e Schopenhauer. A vontade na perspectiva naturalista vem carregada de um complexo de pulsões psicológicas e fisiológicas. Sucede que ‘o querer’ não pode ser tomado como causa da ação, como se houvesse um sujeito forte que produz ações a partir de uma vontade rigorosa e santa. Ora, o problema que se revela aqui é a construção de uma psicologia moral dentro de um sistema dominante de moral. Isso é uma ilusão:

O sujeito ou Eu que é a causa é ingenuamente apresentado como a causa de uma ação. Se meu Eu-agente produz apenas um conjunto de eventos, pode parecer que isso não seja suficiente para o meu envolvimento na ação: eu devo ser no máximo o “piloto no navio” a que Descartes se refere<sup>26</sup>.

Sucede que articular e fundamentar uma psicologia moral em um “Eu” que é possuidor de um “Querer grandioso” e, portanto, a causa da ação moral implica em pensar de acordo com o sistema moral dominante. Nesta linha de raciocínio os filósofos tendem a excluir coisas de mais ou de menos. Não obstante, para Williams o projeto de se construir uma psicologia moral minimalista tem que priorizar uma naturalização dos fenômenos morais. Neste caso Nietzsche, mesmo que não seja fonte de teorias filosóficas, precisa ser usado de modo sério e cuidadoso. Escreve: “Mas ao contrapor essas explicações umas às outras, e ao diagnosticar a psicologia da vontade como uma exigência do próprio sistema da moralidade, nós estaremos seguindo uma rota inequivocamente nietzschiana em direção à naturalização da psicologia moral”<sup>27</sup>.

### O Naturalismo de Nietzsche a partir de *Além Do Bem E Do Mal*

O projeto de crítica da moral instaurado por Nietzsche nas suas obras intermediárias será intensificado nas suas obras da maturidade. Seu empreendimento crítico analisa a origem dos valores morais sem a preocupação de fundamentar a moral em valores transcendentais ou metafísicos, sejam eles de origem racional ou religiosa. O autor de *Assim Falava Zaratustra* tem o propósito de uma naturalização da moral. Nesta perspectiva a moral é interpelada pelas suas características, capacidades e necessidades de uma espécie pertencente à natureza. Portanto que em nada tem a ver com fundamentação racional da moral como buscou Kant, ou com uma genealogia utilitarista da moral criticado por Nietzsche, sobretudo em a *Genealogia da Moral*.

No primeiro capítulo de *Além do Bem e do Mal* em que há o propósito de se escrever sobre o preconceito dos filósofos observa-se no 2<sup>a</sup> § uma denúncia sobre os filósofos metafísicos de todos os tempos. Para Nietzsche essa categoria de filósofos

<sup>26</sup> WILLIAMS, 2011, p. 26.

<sup>27</sup> WILLIAMS, 2011, p. 32.

supõe que as coisas morais e tudo mais que existe em termos de ‘verdade’ tem fundamento em algo oposto<sup>28</sup>. No 3<sup>a</sup>§ o filósofo discorre sobre os instintos e de como eles agem hegemonicamente sobre o pensamento dos filósofos metafísicos. Dito isto, propõe uma tese fisiológica para a valoração da vida em oposição à racionalidade metafísica. Escreve: “Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida”<sup>29</sup>.

No § 6<sup>a</sup> o pensador alemão continua sua denúncia das filosofias metafísicas e retoma o pensamento com a qual inicia o primeiro capítulo<sup>30</sup> e novamente reafirma que não é a vontade de verdade, o “impulso” ao conhecimento que fez surgir a filosofia. Trate-se de outro tipo de impulso – o impulso de domínio, de poder, de potência que utiliza do conhecimento e da ignorância como modestas ferramentas. E mais, defende que no ser humano há uma disputa incessante de impulsos que lutam para se tornarem senhores uns dos outros. Ao final do parágrafo propõe uma tese naturalista e, portanto, ligada aos impulsos para o surgimento da moral: “No filósofo absolutamente nada é impessoal; e particularmente a sua moral dá um decidido e decisivo testemunho *de quem ele é* – isto é, da hierarquia em que se dispõem os impulsos mais íntimos da sua natureza”<sup>31</sup>.

Outro parágrafo de *Além do Bem e do Mal*, o §12, é bastante incisivo na sua crítica ao atomismo na ciência. Para ele este atomismo materialista, uma necessidade metafísica, está mais que derrotado e os responsáveis pela derrota são os físicos Nicolau Copérnico (1473 -1543) e Ru er Boškovi (1711-1787). O problema é a que a mesma necessidade de se encontrar uma partícula indivisível está presente no cristianismo – é o que o autor de *O Anticristo* chama de atomismo da alma. Para ele a mistura entre ciências naturais e a crença na alma imaterial deve ser usurpada da ciência. Trata-se de mais um dos preconceitos filósofos. Escreve:

Está aberto o caminho para novas versões e refinamentos da hipótese da alma: e conceitos como “alma morta”, “alma como pluralidade do sujeito” e “alma como estrutura social dos impulsos e afetos” querem ter de agora em diante direitos de cidadania na ciência<sup>32</sup>.

Seguindo a mesma linha de crítica às ciências naturais, o § 14 é inteiramente dedicado a física. O filósofo afirma que a física não é uma explicação sobre os fenômenos naturais, mas uma interpretação entre outras interpretações. Contudo,

---

<sup>28</sup> Nietzsche afirma que quem procede assim, buscando a origem dos valores em seus opostos, é metafísico. Para ele esta é a maneira de se reconhecer um metafísico em qualquer tempo e isto, para ele é um preconceito. Escreve: “A crença fundamental dos metafísicos e a crença nas oposições de valores” *Além do Bem e do Mal*: (NIETZSCHE, 2005, p. 10).

<sup>29</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 11.

<sup>30</sup> Escreve: “A vontade de verdade, que ainda nos fará correr não poucos riscos, à célebre veracidade que até agora todos os filósofos reverenciaram: que questões essa vontade de verdade já não nos colocou!” (NIETZSCHE, 2005, p. 09).

<sup>31</sup> NIETZSCHE, 2005, p.13.

ainda usufrui do *status* de explicação por se apoiar na crença de que os sentidos oferecem informações seguras sobre a realidade. Sucede que para Nietzsche já Platão superou a crença nos sentidos. O mesmo Platão já havia conquistado sua autonomia em relação ao engodo que os sentidos podem causar. Porém a ciência natural praticada na modernidade retorna ao erro denunciado por Platão ao conferir um valor exagerado aos sentidos:

Nessa interpretação e superação do mundo à maneira de Platão havia uma espécie de gozo distinto daquele que nos oferecem os físicos de hoje, ou os darwinistas e antiteleólogos entre os que trabalham na fisiologia, com seu princípio da “força mínima” e da estupidez máxima<sup>33</sup>.

No parágrafo 21 de *Além do Bem e do Mal* Nietzsche dirige seu martelo crítico ao modo como os cientistas da natureza procedem ao utilizarem a noção de causa e efeito. O filósofo denuncia o tipo de ciência mecanicista e atomista que concebe a causação como meros conceitos do entendimento, como axiomas, como postulados. Estas passagens talvez derrubem os argumentos de Leiter que conferem a Nietzsche um naturalismo mecanicista metodológico. Nietzsche também fala de forças em constante luta dentro dos sistemas morais e na constituição psicológica do ser humano. Daí a sua aversão ao mecanicismo e seu apreço por uma teoria das forças destacada na citação acima.

Ao concluir seus argumentos do § 21 o filósofo afirma que seguir a convicção de que a relação entre a causa e o efeito segue uma lógica necessária é ainda pensar segundo um esquema metafísico-mitológico. O autor de *O Nascimento da Tragédia* está novamente privilegiando a constante disputa de forças em detrimento daquela postura racionalista que procura por princípios fixos para fundamentar suas teorias. Ele escreve:

Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entre mesclar nas coisas desse mundo de signos, como algo “em si”, agimos como sempre fizemos, ou seja, *mitologicamente*<sup>34</sup>.

No § 22 o filósofo alemão é ainda mais duro ao afirmar que as ‘explicações’ da física sobre as leis da natureza não são de fato e de mérito explicações, mas são interpretações. E o que é mais dramático, são interpretações equivocadas e distorcidas que admitem a causação como o único critério válido para suas ‘explicações’. Ao denunciar o procedimento mecanicista da física o autor de *A Gaia Ciência* novamente evoca sua tese da disputa de forças, ou seja, da vontade de poder como uma perspectiva interpretativa da natureza. Neste parágrafo pode-se vislumbrar que o tipo de naturalismo praticado por Nietzsche esta vinculado fortemente a sua tese da vontade de poder. Como escreve na célebre passagem:

---

<sup>32</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 19.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 20.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 26.

[...] E bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tirânica impiedosa e inexorável de reivindicações de poder (...) e que, no entanto, terminasse por afirmar sobre esse mundo o mesmo que vocês afirmam, isto é, que ele tem um curso “necessário” e “calculável”, mas *não* porque nele vigoram leis, e sim porque faltam absolutamente as leis, e cada poder tira, a cada instante, suas últimas consequências<sup>35</sup>.

Esta passagem vai ter um desdobramento ainda mais intenso no § 36 em que o filósofo apresenta claramente sua tese da vontade de poder. Neste texto Nietzsche parte dos impulsos como a única realidade e que eles são expressão de desejos e paixões conflitantes. Ora, é partir da sua hipótese da correlação de forças existentes nas infundáveis manifestações de vida que o filósofo afirma a vontade como a causa para todos os fenômenos. Não a vontade metafísica de Schopenhauer, ou a vontade santa de Kant, mas a vontade concatenada das funções orgânicas mais primitivas da natureza. Eis a tese da vontade de poder pelo filósofo:

Em suma, é preciso arriscar a hipótese de quem em toda parte onde se reconhecem “efeitos”, vontade atua sobre vontade – supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder é *minha tese*<sup>36</sup>.

O capítulo quinto de *Além do Bem e do Mal*, no qual Nietzsche oferece suas *Contribuições à História Natural da Moral* há uma crítica dura a ciência moral de sua época e a sensibilidade moral logo no § 186 que principia o referido capítulo. Para ele os filósofos que se ocuparam até então da moral como ciência não acataram o fato dela ser histórica (vive, cresce, procria e morre), mas se ocuparam somente com a busca pelo seu fundamento. Para ele esses filósofos, diga-se de passagem, Kant eram demasiado provincianos e não tinham como comparar muitas morais. O que fizeram foi apenas erudição dentro da moral dominante para justificá-la e negar as condições de possibilidade de ver essa mesma moral como problema. Diante do erro dos cientistas da moral Nietzsche se propõe a aplicar o método genealógico: “reunião de material, ordenamento conceitual, sentimentos de valor<sup>37</sup>” para preparar uma tipologia moral.

No § 187 o filósofo, procedendo genealógicamente, reitera que há morais que querem justificar seu autor, outras pretendem acalmá-lo, outras o crucificam. Há, portanto, muitos tipos morais, mas o comum a todas é a sua semiótica de afetos. Não obstante, todos os tipos morais manifestam a ‘natureza’ presente nos valores dominantes dessas morais e dos moralistas que a defendem. O problema que surge nesta *semiótica dos afetos* são os valores decadentes e “naturalizados” que dominam a maioria dos tipos morais. Por estas evidências genealógicas, o § 188 é incisivo ao colocar os tipos morais como uma opressão contra a natureza.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 27.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 40.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 74.

Nietzsche cita, no parágrafo, algumas das morais que procedem assim: a estoicista, a de Port-Royal, a utilitarista, a dos anarquistas e a do cristianismo. Para o filósofo estes tipos morais ‘naturalizaram’ a repressão contra tudo aquilo que é característico da Natureza e do mundo Natural no ser humano, e, desta forma, criaram a necessidade de se dominar e submeter os instintos naturais presentes nos “povos, raças, eras, classes, mas sobretudo ao inteiro bicho “homem”, no homem”<sup>38</sup>.

Todas essas questões vão dar base para o emblemático § 230 de *Para Além do Bem e do Mal* que coloca justamente no jogo de forças das vontades existentes em tudo aquilo que vive a supremacia do rigor, da disciplina, da coerção, do dever, da negação a todo instinto psíquico-físico natural. Por isso a tarefa do naturismo presente em Nietzsche é a de limpar toda interpretação moralista que coloca ao ser humano deveres antinaturais, mas que foram naturalizados pela tradição metafísica-moral do ocidente. O Homem é este texto fonte que deve ser aliviado do peso de interpretações calcadas em vontades decadentes, negadoras, repressivas. Os valores supremos desta nova interpretação são aqueles ligados aos instintos positivos, às pulsões afirmativas, à vontade construtiva. O filósofo escreve no final do § 230:

[...] Deve ser reconhecido, uma vez mais, o terrível texto básico *homo natura*. Retraduzir o homem de volta a natureza; triunfar sobre as muitas interpretações e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura*; fazer com que no futuro o homem se coloque frente ao homem tal como hoje, endurecido na disciplina da ciência, já se coloca à *outra* natureza [...] <sup>39</sup>.

Este breve texto versou sobre um tema grandioso na Obra de Nietzsche e bastante relevante para o debate ético contemporâneo - o Naturalismo. Por ser um assunto promissor, as linhas que seguiram não pretenderam esgotar ou dar a última palavra sobre a questão do naturalismo na moral. Elas apenas postularam abordar um problema sob a perspectiva de Nietzsche e de comentários que foram feitos sobre a posição de Nietzsche. Daí o objetivo do trabalho ter sido o de apresentar algumas interpretações e apontar para alguns equívocos presentes nelas e também verificar que tipo de naturalismo pode ser sustentado na obra *Além do bem do Mal*.

O naturalismo que está presente na Obra do filósofo e que pode ser patrocinado é o que indica para uma interpretação imanente do mundo desvinculada de ambições transcendentais metafísico-morais. No início o filósofo credencia as ciências naturais como o elemento capaz de suprimir a busca pelo transcendental da metafísica e da moral. O rigor do método, a necessidade de observação empírica, a evidência dos sentidos fizeram o filósofo exaltar as ciências naturais no tempo intermediário do seu pensamento. Contudo, em *Além do Bem e do Mal*, quando aborda a física, o atomismo, a vontade de verdade, a noção de causa e efeito o autor

<sup>38</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 78.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 124.

está falando exatamente do preconceito. Mais especificamente do preconceito metafísico-moral que também está presente nestas ciências naturais do seu tempo.

Portanto, o filósofo não pode ser posto como um naturalista *stricto sensu* vinculado ao método das ciências naturais. Trata-se de um interprete que usa das ciências naturais entre muitos outros tipos do conhecimento para ornamentar uma interpretação pluralista e genealógica que ‘alivie’ de tudo que foi dito e pesadamente imposto ao ser humano pelas pretensões da metafísica, pelas determinações da ciência e pelos fardos opressores dos deveres morais, ou seja, retraduzir o homem de volta a natureza.

### Referências

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro** (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é** (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica** (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres**. (Trad.: Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LEITER, Brian. **Nietzsche on Morality**. Londres: Routledge, 2002.

LEITER, Brian. O Naturalismo de Nietzsche Reconsiderado. (Trad.: Oscar Augusto Rocha Santos) **Cadernos Nietzsche**. São Paulo n<sup>o</sup> 29, pp. 77-126, 2011.

SHACHT, Richard. O Naturalismo de Nietzsche. (Trad.: Olímpio Pimenta) **Cadernos Nietzsche**. São Paulo n<sup>o</sup> 29, pp. 15-33, 2011.

WILLIAMS, Bernard. A Psicologia Moral Minimalista em Nietzsche (Trad.: Alice Parrela Medrado) **Cadernos Nietzsche**. São Paulo n<sup>o</sup> 29, pp. 35-75, 2011.

Recebido em: 04/08/2014

Aceito em: 29/08/2014